

AUGUSTO C. BUONICORE

Após concluir o colégio Bráulio Mendes Nogueira, ingressou na Escola de Farmácia. Mas, os frascos, as fórmulas e as bulas não eram o seu forte. Sua vocação era outra. Queria ser jornalista. Contrariando a vontade de seu pai, que não via futuro nesta "profissão boêmia", passou a editar jornais estudantis e enviar artigos para imprensa local.

Em 1934 ingressou no *Jornal de Hoje*, trabalhando como repórter policial. Após dois anos ingressaria no *Diário do Povo* e depois passaria a trabalhar no *Correio Popular*, no qual permaneceu por cerca de 20 anos. Na sua longa trajetória profissional trabalharia também nos jornais *A Defesa*, *Jornal de Campinas* e *Última Hora*. Durante todos estes anos se destacou como um defensor incansável dos interesses de sua categoria. Não por acaso, foi fundador e presidente do Sindicato dos Jornalistas e depois presidente da Associação Campineira de Imprensa.

O jovem Bráulio acompanhou com simpatia o surgimento da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, especialmente a trajetória de seu principal dirigente, Luís Carlos Prestes. Tomando partido, tornou-se um ativo militante antifascista e defensor das causas democráticas.

Durante a Segunda Guerra Mundial foi convocado e integrou o agrupamento militar que se deslocou para o Nordeste, onde permaneceu por um ano e meio. O seu objetivo era proteger as costas brasileiras de uma possível ocupação militar alemã. Os alemães já estavam na África e o nordeste brasileiro poderia ser uma das portas de entrada para as potências do Eixo na América.

A longa permanência na região levou-o a refletir sobre as difíceis condições em que vivia o povo brasileiro, especialmente as camadas populares. Esta experiência reforçou-lhe as convicções humanistas e socialistas. Em 1945, Bráulio Mendes Nogueira aderiu ao Partido Comunista do Brasil. O jornalista passou a agregar uma outra dimensão à sua vida: a de ser um militante comunista. E foi justamente nesta dupla condição, jornalista e comunista, que ele revelou toda a sua dignidade de homem e cidadão do seu tempo.

A longa permanência no Nordeste levou-o a refletir sobre as difíceis condições em que vivia o povo brasileiro

Bráulio morreu como sempre viveu, com dignidade, sem abandonar seus ideais humanitários, acionistas e socialistas

Sua primeira provação ocorreu quando foi escalado para cobrir o primeiro comício de Prestes em Campinas. Esta seria a grande oportunidade de ver o seu herói de perto, cara-a-cara. Por isto fez parte da comissão de recepção e participou de todo o evento ao lado do "Cavaleiro da Esperança". O comício foi apoteótico, reuniu milhares de pessoas, a grande parte provinda dos bairros populares. No entanto, o chefe de redação pediu-lhe para que escrevesse uma matéria desabonadora, afirmando que o comício havia sido um fracasso. Ele se recusou terminantemente a distorcer os fatos. Por esta atitude corajosa foi suspenso de suas funções.

Poucos meses depois, já como diretor do Teatro Municipal, esteve no centro de uma nova controvérsia. Prestes estava novamente na cidade, para realizar o seu segundo comício. Mas, neste dia, havia caído uma tem-

pestade que pegou o público e os organizadores de surpresa. Bráulio não teve dúvida e abriu as portas da tradicional teatro campineiro para uma multidão de comunistas encharcados. Nova advertência, desta vez do prefeito municipal.

Veio, então, a guerra fria e o endurecimento do regime. O Partido foi fechado em 1947 e seus parlamentares cassados no ano seguinte. Bráulio estava presente no momento do cerco e invasão policial à sede do Comitê Popular dirigido pelos comunistas. O fato se deu durante uma quermesse no qual trabalhava voluntariamente numa das barracas. Ele viu quando a corajosa vereadora comunista Vera Pinto Telles saiu do Comitê, ao lado das mulheres e crianças presentes, cantando a Internacional. Uma cena que lhe ficou marcada na memória.

Na década de 50 chegou a ser candidato a vereador pelo Partido Comunista, acobertado por outra legenda. Mas a situação havia mudado, a guerra fria estava no auge. O Partido, duramente reprimido, não conseguiu eleger nenhum parlamentar. Os ent-

reversos ocorridos durante a campanha deixaram marcas em Bráulio Mendes Nogueira, o que acarretou o seu afastamento da militância, embora continuasse se afirmando comunista e mantivesse os seus laços políticos e afetivos com o PCB.

**Bráulio Nogueira,
jornalista cidadão**

O golpe militar de 1964 trouxe-lhe novos transtornos. Embora não fosse mais militante ativo do PCB, era visto com suspeita pelos novos donos do poder. A dupla condição, jornalista e comunista, não agradava aos militares golpistas. Estabeleceu-se no Brasil o reino da censura, das prisões, das torturas e execuções. Bráulio compôs na primeira linha da resistência democrática na cidade.

No final da década de 90 Bráulio Mendes Nogueira se reencontrou com o Partido Comunista do Brasil. Em seu discurso na Conferência Municipal de 1997, ele afirmou emocionado: “Vejo hoje o Partido, o autêntico Partido Comunista do Brasil, (...) mais vivo do que nunca, reunindo uma juventude idealista, um Partido renovado, consciente do seu pa-

pel e da sua responsabilidade nesta hora grave que o Brasil está vivendo, dominado por um governo que adotou como norma de sua atuação (...) o chamado neoliberalismo, que favo-

rece os ricos, os banqueiros, e que é responsável pela terrível onda de problemas que assolam o nosso povo”. O seu último livro, intitulado *O Partido Comunista em Campinas – Uma breve história*, publicado em 2001, foi um tributo aos velhos e jovens militantes comunistas.

Bráulio morreu como sempre viveu, com dignidade. Morreu sem abandonar, por nenhum momento, seus ideais humanitários, nacionalistas e socialistas. Morreu sem abandonar o seu sonho de juventude de ver um Brasil mais justo e igualitário. Talvez, neste início de século XXI, este sonho tão almejado por ele possa ser finalmente realizado. Neste dia ele estará presente novamente entre nós.